

O GLOBO

15/06/2012

OLIMPIÁDAS



*Por um
lugar
ao sol*



*JOICE SILVA: carioca,
que vai estreiar nos Jogos
Olimpicos, é a única
brasileira na luta olimpica*

Quero ser grande

Atletas de esportes considerados 'nanicos' no Brasil, como a luta olímpica, o levantamento de peso, a esgrima, o ciclismo e o pentatlo moderno, comemoram a classificação para as Olimpíadas de Londres, mas negam que irão aos Jogos a passeio. Embora reconheçam que a briga por uma medalha é muito difícil, buscam um bom desempenho que possa ajudar a evolução de suas modalidades

Ary Cunha

Claudio Nogueira

Sanny Bertoldo

esporteglb@oglobo.com.br

S existe um pote de ouro no fim do arco-íris, ele representa o pódio olímpico para o atleta. Mas são poucos, muito poucos, os que o alcançam. Em meio a estrelas como o jamaicano Usain Bolt, o americano Michael Phelps, o sérvio Novak Djokovic e os brasileiros Cesar Cielo e Robert Scheidt, uma legião de atletas, que compõem o mosaico da grande festa do esporte, considera missão cumprida o simples fato de terem se classificado para os Jogos.

Da falta de tradição ao pouco investimento, esportes considerados "nanicos" buscam, nos Jogos Olímpicos, mostrar a cara e o potencial de seus atletas. E será essa a missão de boa parte da delegação que vai aos Jogos de Londres — o Brasil já tem mais de 220 atletas classificados em 30 modalidades. Segundo o Comitê Olímpico Brasileiro, a expectativa é que o país repita o desempenho de Pequim-2008, quando conquistou 15 medalhas, sendo três de ouro.

No Centro de Treinamento das Lutas Associadas, que fica num galpão na Tijuca, os quatro galhardetes pendurados numa das paredes dão a dimensão do quanto a modalidade ainda precisa evoluir. Estão ali as fotos dos únicos quatro atletas brasileiros da luta olímpica a representar o país em Jogos Olímpicos até hoje: Roberto Leitão, da categoria até 82kg, em Seul-1988 e Barcelona-1992; Floriano Spiess, até 99kg, em Seul-1988; Antoine Jaoude, até 96kg, em Atenas-2004; e Rosângela Conceição, até 72kg, em Pequim-2008. Nenhum deles conquistou medalha.

Um quinto galhardete já está encomendado, mas a atleta homenageada só quer que ele seja exposto após as Olimpíadas. Aos 28 anos, a carioca da Praça Seca Joice Silva é a única da luta olímpica classificada para Londres, na categoria até 55kg. Sua história de persistência ilustra bem a realidade de esportes que o Brasil ignorou por décadas e nos quais tenta evoluir a todo custo, de olho num melhor desempenho no Rio-2016.

— Eu fazia jiu-jitsu e ouvi falar da luta olímpica pela primeira vez em 2001. No início, até enrolava para ir treinar, mas logo na primeira competição fui campeã estadual e me classifiquei para o Brasileiro. Ganhei o título nacional e me motivei. Vi que poderia so-



Ganhei o título nacional e me motivei. Vi que poderia sonhar em chegar a uma Olimpíada e graças a Deus vou poder realizar esse sonho

— Joice Silva

nar em chegar a uma Olimpíada e graças a Deus vou poder realizar esse sonho em Londres — afirma Joice, que esteve em Pequim-2008, mas como sparring de Rosângela Conceição.

Num esporte que distribui nada menos do que 72 medalhas — quatro em cada uma das 18 categorias, com dois bronzes para os dois lutadores que caírem na semifinal —, a falta de incentivo e também de interesse pela prática ainda são enormes entraves ao desenvolvimento. A Confederação Brasileira de Lutas Associadas está entre as que recebem as menores fatias da Lei Piva, com R\$ 1,7 milhão estimado para este ano. Fora isso, a CBLA conta com um patrocínio da Caixa e o apoio do movimento LiveWright. A falta de bons técnicos também é um grande obstáculo. Tanto que as seleções brasileiras contam com dois treinadores cubanos.

— Em Cuba, quando a criança chega a 16 anos, já sabe toda a técnica. Aqui, você precisa ensinar muita coisa, porque os atletas não crescem dentro da luta. Mas há um grande potencial — analisa o cubano Pedro García, treinador de Joice, que está há quatro anos no Rio. — A dedicação que a Joice tem é enorme. Em Londres, são 18 atletas e ela tem chances de ficar entre as cinco. O sorteio de chaves pode ser fundamental.>

“

Estou tranquila porque estou indo fazer o que faço cinco, seis, sete, oito horas diariamente. Se vier medalha, será um sonho realizado

— Yane Marques

YANE MARQUES durante treino de tiro, que faz parte do pentatlo: sexta no ranking mundial

Muito além da figuração

JAQUELINE FERREIRA

descansa durante um treino de levantamento de peso: "Quero ficar entre as dez primeiras"



Alexandre Cassiano

Modalidade que distribui 33 medalhas nos Jogos (15 no feminino e 18 no masculino), o levantamento de peso nacional terá dois representantes em Londres: Fernando Reis (categoria +105kg) e Jaqueline Ferreira (até 75kg).

Aos 25 anos, Jaqueline será a primeira brasileira nos Jogos desde Sydney-2000. Classificada no Pré-Olímpico da Guatemala, em maio, ela sabe que o nível do país ainda está abaixo das potências do espor-

te, como China e Rússia. Mesmo assim, faz questão de celebrar sua conquista.

— Foi um longo caminho até chegar a essa classificação. Era uma responsabilidade muito grande. É muito difícil se classificar para as Olimpíadas. Na nossa modalidade, são poucas as competições para pontuar no ranking — explica a atleta de Duque de Caixas.

Na Guatemala, ela estabeleceu o novo recorde brasileiro, de 125kg. Embora seja sua melhor marca na carreira, precisaria levantar 160kg se quisesse entrar na briga por uma medalha em Londres. Por isso, seus objetivos nos Jogos são pessoais.

— Quero melhorar os meus resul-

tados, bater o recorde brasileiro e ficar entre as dez primeiras. Ir para as Olimpíadas é estar entre os melhores do mundo. Tem a responsabilidade de mostrar que a gente está chegando. Não é fazer figuração, é muito mais do que isso — avisa.

Na esgrima, serão três os atletas brasileiros: Renzo Agresta, que irá às Olimpíadas pela terceira vez no sabre; e os novatos Athos Schwantes (espada) e Guilherme Toldo (florete). Mais jovem da equipe, Guilherme, de 19 anos, defende que um bom desempenho pode ajudar o esporte a evoluir no país. No seu caso, isso significa terminar entre os 30 primeiros no florete.

— É preciso acreditar no poten-

cial individual para que cada bom resultado seja uma peça a mais no desenvolvimento da esgrima brasileira — afirma o esgrimista gaúcho.

Já Athos não se deixa impressionar por estatísticas ou previsões. Apesar de o esporte não ter tradição no país — enquanto aqui não há nem mil atletas federados, na Itália, onde treina há um ano e meio, o número chega a 22 mil —, ele aposta em uma estreia em grande estilo.

— Eu estou preparado e posso surpreender. O que me motiva é conquistar algo que ninguém no nosso país conquistou ainda — revela o curitibano, de 27 anos. — Sempre lutei e sempre vou lutar pela medalha Olímpica.>

Rivais de vários países

CBC/Divulgação

Aos 28 anos, a pernambucana de Afogados de Ingazeira Yane Marques será a única representante do Brasil no pentatlo moderno — que combina hipismo, esgrima, natação, tiro esportivo e corrida — em Londres. Sexta do mundo na modalidade, ela é um “ponto fora da reta” (como define o presidente da Confederação Brasileira, Hélio Cardoso) em um esporte que ainda engatinha no país.

Apesar de ir aos Jogos em uma espécie de “exército de um homem só”, a pentatleta garante que não se sente pressionada:

— Todo mundo fala que é um peso, uma responsabilidade... Mas estou tranquila porque estou indo fazer o que faço todo dia, o que treino cinco, seis, sete, oito horas diariamente. Se vier medalha será um sonho realizado. Um sonho meu e de todos os envolvidos. Nem ligo para cobranças porque a cobrança maior é a minha mesmo.

FALTA DE ESTRUTURA

Em maio, na final da Copa do Mundo, em Chengdu, na China, Yane levou o bronze, atrás da lituana Laura Asadauskaitė, medalhista de ouro, e da britânica Heather Fell, medalhista de prata. Na modalidade, os favoritos não vêm de um único país, o que torna tudo mais difícil.

— O pentatlo moderno é muito forte em países como Inglaterra, Rússia e França. A Alemanha tem a atual campeã olímpica, Lena Schöneborn, a Lituânia tem a Laura, a Bielorrússia, a Anastasia Prokopenko. E ainda tem a chinesa Qian Chen, Elena Rublevska, da Letônia. Os Estados Unidos vão com a Margaux Isaksen, campeã pan-americana no México, ano passado — comenta Yane, diante da tarefa árdua que terá nos Jogos. — Mas como seria bom ganhar uma medalha em Londres.



SQUEL STEIN,
representante
do Brasil
no bicross



Independentemente das dificuldades, o sonho olímpico não acaba jamais e, mesmo que uma medalha ainda esteja distante, as conquistas pessoais são o combustível de quem faz planos para o futuro. Esse é o caso da catarinense Squel Stein, de 20 anos. Primeira brasileira a chegar a uma final no Mundial de bicross — terminou em sexto na competição, em maio, em Birmingham, na Inglaterra —, ela irá aos Jogos pela primeira vez. Ao lado de outros oito ciclistas, Squel fará parte da maior delegação da modalidade na história das Olimpíadas, com dois atletas de bicross, seis de estrada e um de mountain bike. O esporte distribuirá 54 medalhas em Londres.

— Serão 16 atletas competindo no bicross. Oito vão à final e espero estar entre elas. Já a briga pelos três primeiros lugares será mais difícil — reconhece ela, que vê francesas, australianas e americanas favoritas ao pódio. — Elas estão em um nível acima, mas acho que a gente já conseguiu muita coisa. Aqui no Brasil não tem muita estrutura. Na Holanda, Estados Unidos, Inglaterra, Austrália existem centros de treinamento. Até na Argentina tem. Isso faz muita diferença. ■

— Serão 16 atletas competindo no bicross. Oito vão à final e espero estar entre elas. Já a briga pelos três primeiros lugares será mais difícil — reconhece ela, que vê francesas, australianas e americanas favoritas ao pódio. — Elas estão em um nível acima, mas acho que a gente já conseguiu muita coisa. Aqui no Brasil não tem muita estrutura. Na Holanda, Estados Unidos, Inglaterra, Austrália existem centros de treinamento. Até na Argentina tem. Isso faz muita diferença. ■



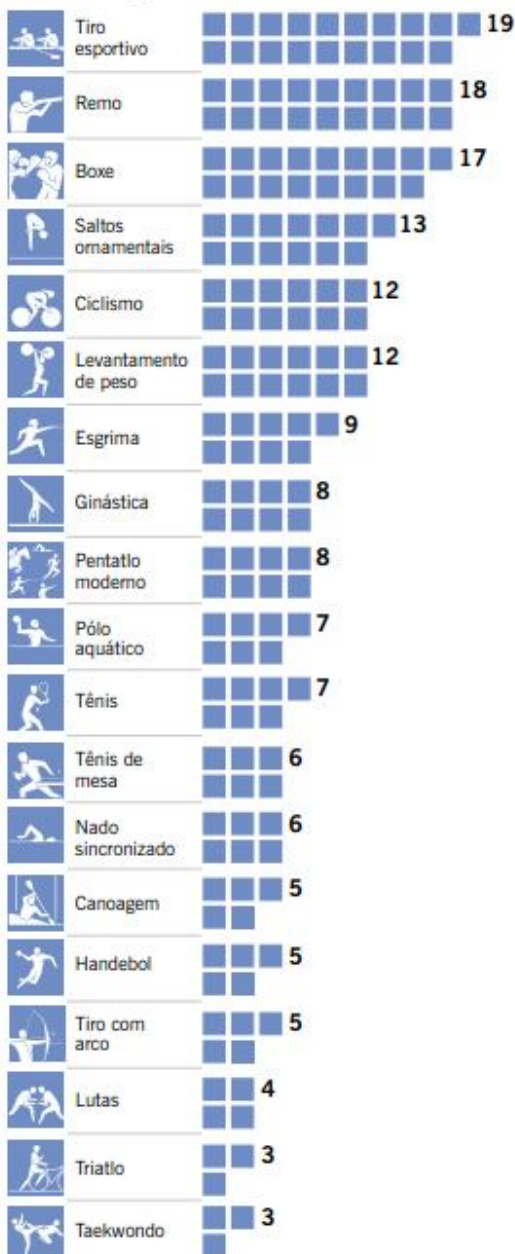
Aqui no Brasil não tem muita estrutura. Na Holanda, EUA, Inglaterra, Austrália existem centros de treinamento. Até na Argentina tem. Isso faz muita diferença

— Squel Stein

Os 'nanicos' brasileiros nos Jogos Olímpicos

Modalidades brasileiras sem grande expressão no mundo olímpico querem mostrar seu valor e conseguir bons resultados nas Olimpíadas de Londres para ganharem projeção, investimentos

PARTICIPAÇÃO DOS "NANICOS"

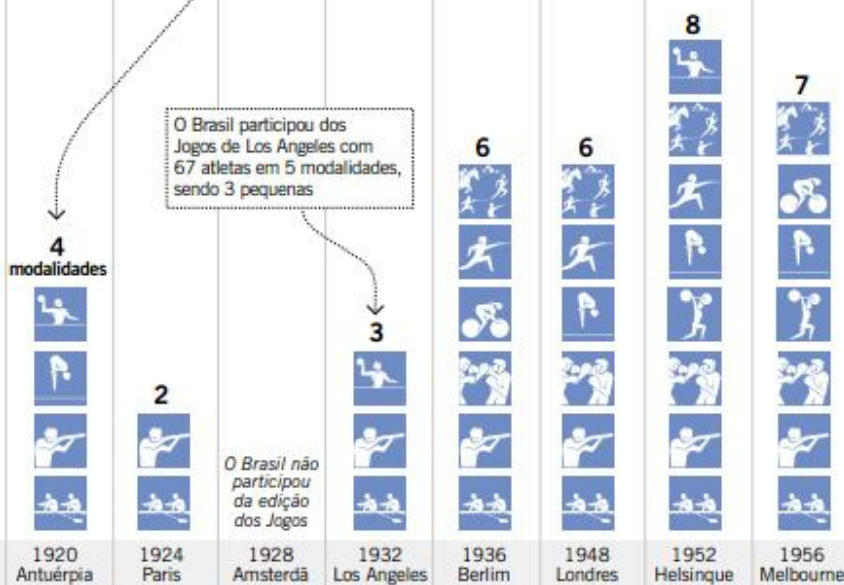


MODALIDADES POR EDIÇÃO DOS JOGOS

Em 20 edições dos Jogos Olímpicos, os esportes "nanicos" sempre estiveram presentes entre as modalidades das quais o Brasil participou. Das 91 medalhas conquistadas pelo país, 5 foram obtidas pelos esportes pequenos

EM 1920, 3 medalhas no tiro esportivo

- 1 ouro**
Guilherme Paraense (foto ao lado)
Tiro rápido - 25m
- 1 prata**
Afrânio Costa
Tiro esportivo - 50m
- 1 bronze**
Pistola livre por equipe masculino



públicos e privados e novos adeptos. Levantamento feito pelo GLOBO mostra como foi a participação desses “nânicos” nas 20 edições do megaevento e seus momentos de destaque

EM 1968, 1 medalha no boxe



Bronze
Servilio de Oliveira
(à esquerda)
Boxe - peso mosca

EM 2008, 1 medalha no boxe



Bronze
Natalia Falavigna
(de azul)
Taekwondo -
+ 67kg feminino

O Brasil participou dos Jogos de Pequim com 277 atletas em 32 modalidades, sendo 18 "nânicos"

→ 18 modalidades

